

Esboço de uma Teoria Sartreana das Emoções

Outline of a Sartrean Theory of Emotions

Simeão Donizeti SASS
Departamento de Filosofia da
Universidade Federal de Uberlândia

Resumo

Aborda a reflexão sartreana sobre o sentido da consciência e sua crítica a Husserl, como ponto de partida de sua teoria das emoções.

Palavras-chave: Sartre – consciência – concretude – Husserl – emoção.

Abstract

This article approaches Sartrean reflection about the meaning of conscience and his critique to Husserl as a starting point of his theory of emotions.

Key-words: Sartre – conscience – concretion – Husserl – emotion.

1. A Psicologia concreta

A interrogação acerca do sentido da consciência percorre toda a obra de Jean-Paul Sartre. Sem dúvida, esta herança foi deixada pelo pensamento francês do início do século XX. Faz parte do “folclore” do existencialismo a narrativa expondo o modo como ele entrou em contato com a filosofia. Em um filme exibido nos anos setenta encontramos o seguinte diálogo:

“CONTAT: Et pourquoi vous orientez-vous vers la philosophie plutôt que vers la littérature?”

SARTRE: Ah ça, c’est à Bergson que je le dois (...) j’avais lu le livre de Bergson, *l’Essai sur les donnés immédiates de la conscience*. Et là, j’avais été saisi. Je m’étais dit: ‘Mais, c’est formidable la philosophie, on vous apprend la vérité’. Remarquez que c’est un livre qui a une tendance concrète, malgré tout, puisqu’il essaye de décrire concrètement ce qui se passe dans une conscience. Et je pense que c’est

ça d'ailleurs qui m'a orienté vers l'idée de la conscience telle que je l'ai à présent"¹.

Sem dúvida, esta é a prova de que o pensamento de Sartre foi forjado, desde o seu início, no solo cultivado pelo pensamento bergsoniano². Esta declaração de Sartre, contudo, traz outro elemento importantíssimo para a nossa investigação. Ela considera a obra de Bergson um exemplo de descrição *concreta* da consciência. Isto revela que é "para o concreto" que sua atenção está dirigida. Nesta mesma entrevista, Sartre menciona a obra mais importante de Wahl nos seguintes termos:

"SARTRE: (...) je me suis dit: 'Voilà enfin la philosophie.' Nous pensions beaucoup à une chose: le concret. Il y avait un livre de Wahl qui s'appelait *Vers le concret*, qui nous avait tous fait rêver, parce que le concret, on ne pensait d'ailleurs pas que ce soit ce que disait Wahl (c'était plutôt du pluralisme dans le cas de Wahl), mais on pensait que ça existait"³.

Guardemos estes dois aspectos da narrativa sartreana: *consciência* e *concretude*.

A "descoberta" da fenomenologia também foi motivada pelo apelo "realista". As suas obras de juventude sempre tiveram uma preocupação com a descrição apropriada do ser da consciência. Sua tese fundamental ressaltava a condição irrefletida e a correlação necessária entre consciência e mundo. O ensaio *A imaginação*, publicado em 1936, retrata a perspectiva husserliana do problema da imagem. A "única" que colocava a questão de forma adequada.

O interesse de Sartre por uma *filosofia* concreta, no entanto, fez com que sua crítica ao pensamento de Husserl se fizesse sentir. A influência do iniciador

da fenomenologia é identificada em *A Transcendência do Ego*, publicada também em 1936. Mas, nesta mesma obra, o "campo transcendental impessoal" serve como antídoto para a influência idealista que transparecia nas últimas obras do iniciador da fenomenologia. O foco da crítica de Sartre era o ego transcendental. Tese perniciosa e desnecessária.

Uma idéia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade expõe todo o entusiasmo de Sartre, sobretudo porque encontra na fenomenologia, tanto na de Husserl quanto na de Heidegger, a eliminação definitiva da "vida interior", típica da filosofia francesa de sua época. Neste opúsculo, Heidegger e Husserl são postos no mesmo patamar.

A influência de Heidegger pode ser identificada também em alguns artigos e estudos publicados no final da década de trinta, mais especificamente em 1939. É o caso de *Esboço de uma teoria das emoções*⁴. Se traçarmos um paralelo entre as obras publicadas em 1936 e as editadas em 1939, é evidente que Heidegger aparece com mais frequência no período posterior. Esta modificação no referencial teórico pode ser considerada um sinal de mudança de paradigma. Identificada a "recaída" no idealismo com a publicação das últimas obras de Husserl⁵, Heidegger passa a ocupar cada vez mais o centro das atenções. É preciso esclarecer que a tese fundamental da intencionalidade husserliana não é abandonada, ela passa a ser interpretada de forma radical como *transcendência*. Se a condição irrefletida era a sua base, agora, esta condição ganha um foco, uma direção mais precisa ainda, ela é pensada como *ser-no-mundo*, não só como condição de "esvaziamento de todo conteúdo intraconsciencial"⁶. O objetivo de

¹ SARTRE. *Um film réalisé par Alexandre Astruc e Michel Contat*, p. 40.

² Tese defendida por Bento Prado Jr. nos anos sessenta. Cf. *Presença e Campo transcendental. Consciência e negatividade na filosofia de Bergson*.

³ SARTRE. *Um film réalisé par Alexandre Astruc e Michel Contat*, p. 39.

⁴ A elaboração deste ensaio foi iniciada em 1934.

⁵ *Formale und transzendente Logik*, 1929; *Méditations cartésiennes*, 1931 e *Die Krisis der europäischen Wissenschaft und die transzendente Phaenomenologie*, 1936.

⁶ Pensamos na comparação entre a *Transcendência do ego* e *Esboço de uma teoria das emoções*.

concretude é, de forma cada vez mais acentuada, o centro da investigação sartreana.

Neste *fundo* composto pela tradição francesa e pela “novidade” fenomenológica vemos surgir a *figura* de Sartre. Esta figura, entretanto, não pode ser traçada sem a sua alma. Esta se mostra pela literatura, o seu projeto de ser escritor.

Na obra autobiográfica *As Palavras*, Sartre afirma: “Começava a descobrir-me. Eu não era quase nada, quando muito uma atividade sem conteúdo, mas não era preciso mais (...) Nasci da escritura: antes dela, havia tão-somente um jogo de espelhos; desde o meu primeiro romance, soube que uma criança se introduzira no palácio dos espelhos. Escrevendo eu existia”⁷. O seu projeto de escrever nasce juntamente com sua consciência de ser. Podemos dizer que é seu “projeto fundamental”. Na literatura encontra-se tudo aquilo que constituía o seu universo, a sua moral, a sua política, o seu engajamento⁸.

O sentido que a literatura tem para a totalidade da produção intelectual de Sartre é, muitas vezes, mal dimensionado, para não dizer distorcido e negligenciado. Considera-se, freqüentemente, que a filosofia e a literatura são dimensões independentes, que não há nenhuma correlação entre uma e outra. Mais, que sua literatura não expressa, na forma e no conteúdo, a sua filosofia. Esta separação expressa um profundo desconhecimento de tudo aquilo que Sartre produziu. Afirmamos isto porque um estudo mais acurado de sua literatura revela perfeitamente a sua filosofia. Não vamos insistir neste ponto.

Ao contrário do que possa parecer, a dimensão filosófica da literatura sartreana pode ser identificada na sua obra mais famosa: *A Náusea*. Qualquer estudante de filosofia que conheça os rudimentos da fenomenologia pode identificar a tese da intencionalidade nas reflexões de *Roquentin*. Isto também é por demais sabido por todos aqueles que

conhecem alguns dos aspectos basilares da obra de Sartre.

A dimensão psicológica da literatura de Sartre, entretanto, não aparece com freqüência nos estudos voltados para o referido tema. É precisamente porque este aspecto não é muito explorado que consideramos o estudo do *Esboço de uma teoria das emoções* imprescindível. Na literatura sartreana, no livro de contos *O Muro*, é possível identificar inúmeros temas que dizem respeito ao aspecto psicológico da existência humana. Podemos mencionar, por exemplo, os contos *Intimidade* e *O quarto*. Neles a questão da “vida interior” aparece de forma categórica. O último conto do livro, contudo, guarda um significado especial; chama-se *A Infância de um chefe*. Não temos condições, dado o caráter desta exposição, de desenvolver todos os aspectos de nossa tese, mas podemos afirmar que é inegável o tom “adleriano” de sua exposição. Correndo o risco de pecar por excesso, acreditamos que este conto é um verdadeiro momento de reflexão acerca da questão da “personalidade autoritária” pensada nos moldes da psicologia individual de Alfred Adler. O leitor pode pensar: Adler e Sartre? Psicologia e literatura nos anos trinta? Um escritor burguês de Paris tomando como referência um psicanalista austríaco que flertava com o socialismo? Literatura existencial e psicologia social?

Pode parecer improvável. Mas é esta correlação que desejamos esboçar ao longo de nossa exposição. Ela não será o foco privilegiado. Ao contrário, figurará como exemplo da tese geral, qual seja: a *filosofia concreta* buscada por Sartre não estava separada daquilo que nos anos trinta denominava-se *psicologia concreta*. Orientação psicológica que colocava no centro de sua teoria o drama da existência humana, o caráter dramático da existência do indivíduo concreto. Um autor que defendia esta visão metodológica da psicologia era Georges Politzer. Sua obra *Critique des Fondements de la psychologie* aborda cuidadosamente esta orientação.

⁷ SARTRE, *As Palavras*, p. 111.

⁸ Cf. o estudo de Franklin Leopoldo e Silva: *Ética e literatura em Sartre*.

Politzer em sua *Critique* considera que a teoria de A. Adler é um exemplo de abordagem concreta da psicologia⁹. Sartre, por sua vez, cita a crítica de Politzer ao pensamento de Bergson em *O Ser e o Nada*¹⁰, esta referência já é um indício. A relação entre Sartre e Adler é também identificada em *O Ser e o Nada*, no capítulo referente ao tema da *Psicanálise existencial*¹¹, por si só um aspecto sugestivo. Partindo destes dados, sustentamos que o pensamento de Sartre não só busca inspiração na “filosofia concreta” – teorias não intimistas da consciência – como também parece seguir as sugestões deixadas por Politzer para a constituição de uma Ciência positiva da existência humana, a Psicologia. O tema da Introdução do *Esboço de uma teoria das emoções* aborda justamente este problema.

Em suma, nossa pesquisa tentará identificar de que modo o pensamento sartreano procura dialogar com estas proposições. Para que nossa tese seja demonstrada, uma análise atenta do *Esboço* é indispensável. Enunciaremos, primeiramente, a crítica das **CONCEPÇÕES CLÁSSICAS**. Apresentaremos, em seguida, os pressupostos da **TEORIA SARTREANA DA EMOÇÃO** destacando duas questões fundamentais: a determinação da *função* da consciência emotiva e a apresentação da *essência* da emoção como forma organizada de *ser-no-mundo*. Tentaremos estabelecer, ao final, o contraponto entre a perspectiva sartreana e algumas teorias da emoção mencionadas no *Esboço*.

2. As concepções clássicas

O título da Introdução do *Esboço* expressa algumas das pretensões elementares de Sartre. “Psicologia, Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica”. Ele discute o problema da positividade da Psicologia, o apelo ao dado

experimental e os métodos que os psicólogos utilizam. Faz algumas considerações acerca do Behaviorismo citando uma obra de Naville que aborda esta corrente psicológica. Nesta mesma Introdução, no entanto, Sartre lança mão de um termo que é, até certo ponto, enigmático, ele faz uso do termo *Antropologia*, disciplina que, no seu entendimento, “visa definir a essência do homem e a condição humana” (p. 40). A contraposição feita entre os métodos positivos e empiristas da psicologia, segundo Sartre, não poderia constituir o modo de proceder desta Antropologia que tomaria como ponto de partida de sua investigação a definição da essência do homem. Fato e essência seriam, portanto, incompatíveis. Segundo Sartre, a psicologia não teria a intenção de estabelecer uma visão *a priori* do homem, ou, ao menos, algum traço de semelhança entre os homens. Mencionando Pierce e a tradição pragmatista, considera que certas perspectivas psicológicas jamais conseguem ver uma unidade na idéia de homem, sendo, no máximo, uma soma de resultados obtidos por meio de experimentos, a idéia de homem seria o “somatório dos fatos verificados que essa idéia permite unificar” (p. 42). Em suma, haveria na psicologia uma oposição entre fato e essência (p. 43).

Tentando ultrapassar esta oposição, Sartre traz para o interior da discussão o conceito heideggeriano de *ser-no-mundo*; deixando claro que uma idéia de humano poderia ser pensada a partir deste conceito fundamental. Recusando o argumento de que a emoção é um fato isolado, um acidente, tenta demonstrar o vínculo existente entre a idéia de *ser-no-mundo* e o comportamento humano chamado emoção, considerando-o de mesmo tipo que o de percepção, memória, atenção, etc. Tomando o caso da emoção, Sartre se propõe a demonstrar que ela é um bom exemplo do modo como o ser humano revela a sua

⁹ Cf. POLITZER, *Critique...*, p. 230: “exemples, ou plutôt des modèles pouvant faire voir que les notions et explications concrètes existent effectivement dans la psychanalyse. Voilà ... [o] ‘complexe d’infériorité’ d’A. Adler.

¹⁰ Quarta Parte, capítulo 1, seção II.

¹¹ Quarta Parte, capítulo 2, seção I.

essência. Em outros termos, interrogar o sentido da emoção significa perguntar se “a própria estrutura da realidade humana torna possível as emoções e como é que as torna possíveis” (p. 44).

Esta atitude diante do comportamento humano chamado emoção deve ser investigado, segundo Sartre, nos moldes fenomenológicos. A fenomenologia deveria ser uma nova alternativa para a compreensão do fenômeno psíquico. Assim, a psicologia deveria sofrer a crítica da fenomenologia e o resultado desta crítica seria a constituição de uma psicologia fenomenológica.

A fenomenologia entrevê um conflito entre o princípio que parte dos fatos e o ponto de partida das essências, pois “quem começa pelos fatos nunca chega até as essências” (p. 46). Sem renunciar aos fatos, a fenomenologia, para Sartre, reconhece que só “as essências permitem classificar e inspecionar os fatos” (p. 46). O caminho a seguir, então, é partir da essência do fenômeno emoção. Esta formulação, aponta para um aspecto da teoria sartreana que será alvo de reformulações posteriores. É a questão da noção de “essência *a priori* de ser do homem” (p. 47); esta essência serviria de base sólida para funcionar como contraponto ao modo generalizante de pensar a questão, típico da atitude do psicólogo.

Esta essência seria encontrada, segundo Sartre, nas “reações do homem contra o mundo”. Esta relação, porém, não seria a fonte originária, ela seria precedida pela essência determinante que é a “consciência transcendental” (p. 47). Esta *consciência transcendental* seria aquela de cada ser humano, “(...) *minha* consciência (...) proximidade absoluta em relação a si mesma” (p. 47). A tarefa inicial desta psicologia fenomenológica então, seria “fixar em conceitos as essências que presidem ao desenrolar do campo transcendental” (p. 48), somente desta forma haveria uma fenomenologia da emoção.

A estratégia de Sartre é tomar como ponto inicial da reflexão acerca da emoção a “totalidade sintética que é o homem”, estabelecendo, antes de

qualquer desenvolvimento de cunho psicológico, a essência do humano. Em suma, a psicologia fenomenológica esboçada por Sartre tomaria de Husserl o conceito de *consciência intencional* e de Heidegger o conceito de *compreensão*.

A dúvida que surge é: por que tomar a emoção como foco desta empreitada? Segundo Sartre, Heidegger pensa que em cada atitude do homem encontramos o todo da realidade humana. Husserl, por sua vez, encontra na descrição fenomenológica da emoção as estruturas essências da consciência, visto que uma emoção é uma consciência de algo. Por estas razões, justifica-se a escolha do tema. A elucidação do sentido do fenômeno emoção poderá ensinar muito acerca da essência do humano. Buscar a resposta para o sentido da emoção é desvelar o sentido de ser da consciência. O fenomenólogo deve estudar, portanto, o “significado da emoção” (p. 51). Isto pressupõe que a emoção é um fenômeno significante, ou seja, que “existe na estrita medida em que significa” (p. 52). Para Sartre, “a emoção significa à sua maneira o todo da consciência ou da Realidade Humana, se nos colocarmos no plano existencial” (p. 52). Ele pretende identificar “num caso preciso e concreto se a psicologia pura pode obter um método e tirar ensinamentos da fenomenologia” (p. 53). Na verdade, Sartre considera que uma psicologia positiva somente terá seu lugar quando uma Antropologia for constituída a partir dos ensinamentos da Fenomenologia.

Na Introdução do *Esboço* Sartre descreve o sentido fundamental do fenômeno emoção argumentando que tal sentido “*não existe* como fenômeno corporal, visto que um corpo não pode sentir emoção, por não poder atribuir um sentido às suas próprias manifestações” (p. 53). Sartre considera que a característica básica da emoção é o seu *sentido*. Sentido este que somente pode ser revelado pelo ato de tomada de consciência. Esta nova psicologia deverá visar não os fatos mas as suas significações, “abandonará os métodos de introspecção indutiva

ou de observação empírica externa, para procurar apenas captar e fixar a essência dos fenômenos" (p. 54). Esta nova forma de fazer psicologia será uma "ciência eidética" (p. 54), importando-se com o significado do fenômeno. O *Esboço de uma teoria das emoções* é, portanto, uma "experiência de psicologia fenomenológica" (p. 55).

A estrutura do *Esboço* é composta de três partes. O primeiro capítulo aborda "As Teorias Clássicas" que tentam definir o fenômeno emoção.

No primeiro capítulo Sartre menciona alguns teóricos representativos. Inicia com a menção ao pensamento de William James e a "teoria periférica das emoções" (p. 57). Identifica que James estabelece uma relação intrínseca entre reações físicas e as emoções. A essência da tese de James, segundo Sartre, "é que o estado de consciência denominado 'alegria', 'cólera', etc. não é mais que a consciência das manifestações fisiológicas ou, a sua projeção na consciência" (p. 58). Esta perspectiva se contrapõe ao modo como Sartre pretende expor a questão pois, para ele, ao contrário, a emoção é algo que possui um sentido, "põe-se como uma relação determinada entre o nosso ser psicológico e o mundo" (p. 59), não se reduzindo ao que pode ser chamado de "perturbações fisiológicas verificáveis". O segundo autor mencionado por Sartre é Sherrington, para quem "uma perturbação fisiológica, seja ela qual for, pode explicar o caráter organizado da emoção" (p. 60).

Janet, por sua vez, demonstra ter compreendido esta tese perfeitamente porque "só quer registrar as manifestações exteriores da emoção", para isto, divide os fenômenos orgânicos em dois grupos: 1- fenômenos psicológicos ou condutas e 2- fenômenos fisiológicos. Devendo ser destacado aqui que uma emoção ganha o nome de *conduta*. Para Sartre, Janet "faz da emoção uma conduta bem adaptada de insucesso" (p. 60), ou seja, "quando a tarefa é demasiado difícil e não podemos manter a conduta superior que se lhe adaptaria, a energia

psíquica libertada é gasta noutra direção: adota-se uma conduta inferior, que necessita duma tensão psicológica menor" (p. 60). Na sua obra *Obsessão e a Psiquiatria* Janet estuda casos de pacientes nos quais identifica que o choro compulsivo é fruto de uma "conduta demasiado difícil de manter. O choro e a crise de nervos representam uma conduta de insucesso que substitui a primeira, por derivação" (p. 61). Para Sartre, "Janet pode gabar-se de ter reintegrado o psicológico no emocional" (p. 61). A emoção seria, para esta abordagem, "a consciência dum insucesso e duma conduta de insucesso" (p. 61). Contudo, Sartre não deixa de observar que esta tese possui traços de mecanicismo, pois "o fenômeno de derivação não é mais que uma mudança de via para a energia nervosa liberada" (pp. 61-62).

A característica de "insucesso" identificada na conduta emocionada é para James, segundo Sartre, inadaptação, "a emoção intervém precisamente no instante duma inadaptação brusca e consiste essencialmente no conjunto de perturbações que essa inadaptação determina no organismo" (p. 62). A emoção para Janet seria a execução de uma conduta *inferior* para não ter de realizar a conduta *superior*. É por esta razão que "a conduta emotiva vem mascarar a impossibilidade de manter a conduta adaptada" (p. 65). Ao contrário de ser uma perturbação, essa conduta é um "sistema organizado de meios que visa uma finalidade. E este sistema é chamado para mascarar, para substituir, para repelir uma conduta que não se pode ter, não se quer manter" (p. 65). Desta forma, estaria elucidada a diversidade das emoções: "cada uma delas representa um meio diferente para iludir uma dificuldade, uma escapatória particular, uma batota especial" (p. 65).

Uma exposição mais acurada da teoria da emoção-conduta mostra-se impressa nos discípulos de Khöler, especificamente em Lewin e Dembo. Gillaume em sua obra *Psicologia da Forma*, afirma que "o conflito entre duas forças gera uma tensão no campo fenomenal.

Uma vez encontrada a solução e conseguida a ação pedida, a tensão cessa” (p. 66). A contribuição de Lewin para esta teoria está no fato de admitir que “há toda uma psicologia do ato de substituição, do *ersatz*” (pp. 66-67). “Se os atos de substituição são impossíveis ou se não permitem uma resolução suficiente, a tensão persistente manifesta-se pela tendência para renunciar à prova, para se evadir do campo da experiência ou para tomar uma atitude simplesmente passiva” (p. 67). Destaca-se nesta situação a ação “negativa ou repulsiva da barreira (...) [conferindo] a todos os outros objetos do campo um valor negativo” (p. 67). “A evasão é apenas uma solução brutal” (p. 68). Ocorre aqui uma “diminuição do eu. O retraimento sobre si próprio, o *enkystemens*, que eleva uma barreira de proteção entre o campo hostil e o eu” (p. 68), solução que também é mediocre. Vemos aqui, nesta experiência, a atividade de “liberação das tensões” (p. 68).

Dembo, por seu turno, estuda também esta questão. Ela considera que “na cólera (...) há um enfraquecimento das barreiras entre o real e o irreal (...) as tensões entre o interior e o exterior continuam a aumentar: o caráter negativo estende-se uniformemente a todos os objetos do campo” (pp. 68-69). Em síntese, Sartre vê na teoria de Dembo a concepção funcional da cólera, uma “solução brusca dum conflito” (p. 69). Sartre reencontra aqui a distinção entre condutas superiores e inferiores ou derivadas de Janet. A diferença identificada é que esta distinção significa que “nos colocamos a nós próprios em estado de inferioridade total (...) porque nos satisfazemos com menos” (p. 69). “Quando estamos num estado de tensão elevado e não podemos por isso encontrar a solução delicada e precisa dum problema, atuamos sobre nós mesmos; inferiorizamos e transformamo-nos num ser tal que, para ele, passam a ser suficientes as soluções grosseiras e menos bem acabadas (...) Desta forma, a cólera surge aqui como uma evasão” (p. 69), esta fuga tenta “quebrar a tensão” (p. 70) do momento. Em poucas palavras,

esta é a teoria da emoção-conduta. Tal teoria não é suficiente aos olhos de Sartre. Se a conduta aparece como uma transformação, esta não pode ser compreendida sem evocarmos a consciência. Só a consciência, pela sua atividade sintética, pode romper e reconstituir incessantemente as formas, só ela pode explicar a finalidade da emoção.

O segundo capítulo do *Esboço* aborda “A Teoria psicanalítica”. Embora seja um capítulo muito sucinto, é absolutamente imprescindível para a compreensão do pensamento sartreano. A primeira idéia que surge nesta exposição é a valorização do *significado*. Para Sartre, “só se pode compreender a emoção, procurando nela um significado” (p. 72). Significado este que possui seu lado funcional, isto é, a emoção possui uma finalidade. Esta finalidade “pressupõe uma organização sintética das condutas” (p. 73), que pode ser o inconsciente para os adeptos da psicanálise ou a consciência. Para Sartre, a psicologia analítica foi a primeira a identificar a relevância dos fatos psicológicos, um “estado de consciência valer por outra coisa além dele próprio” (p. 74). Esta característica, como veremos adiante, será indispensável para a compreensão do fenómeno em questão.

Mencionando um teórico ligado ao campo da psicanálise, W. Stekel, Sartre, encontra nas análises deste psicólogo o sentido de fuga característico de certos comportamentos humanos. Nesta perspectiva, a intenção psicológica guardaria um vínculo com a consciência, pois seria uma realização simbólica de um desejo recalcado pela censura. O fato é que o psicanalista tenta explicar o fenómeno da emoção pela via da causa inconsciente. “Se fosse doutra forma e se tivéssemos alguma consciência, mesmo implícita do nosso verdadeiro desejo, estaríamos de má-fé e o psicanalista não entende assim” (p. 75). Nesta avaliação encontramos um aspecto importante. Sartre menciona o conceito de má-fé. Este comportamento “do individuo é em si próprio o que é, (se denominarmos pela expressão ‘em si próprio’ o que é

para si) mas é possível decifrá-lo (...) como se decifra uma linguagem escrita" (p. 75). Ao contrário de relacionar o significado de um comportamento humano ao lado inconsciente, Sartre tenta entrever a possibilidade de uma atitude de decifração deste ato visando o significado do comportamento e a sua finalidade intrínseca. Sartre crê poder decifrar um comportamento assim como a escrita pode ser interpretada. Isto é possível através da análise dos vestígios deste ato, pois eles são o que são, guardam em si um sentido determinado, como os vestígios de um incêndio em uma floresta. "Isto não quer dizer que essa significação deva ser perfeitamente explícita (...) [Sartre apenas quer dizer] que não devemos interrogar de fora a consciência, como se interrogam os vestígios da fogueira ou o acampamento, mas *de dentro*, pois a significação deve ser procurada nela. Se o cogito é possível, a consciência é, ela própria, o fato, a significação e o significado" (p. 77).

Sartre aceita um princípio que, segundo ele, foi constituído pela psicanálise, qual seja, de que o símbolo é próprio da consciência, pois há um "laço imane de compreensão entre simbolização e símbolo (...) a consciência *se constitui* em simbolização" (p. 77). Sartre não repele "os resultados da psicanálise quando estes são obtidos através da compreensão (...) [ele se limita a negar] todo o valor e toda a inteligibilidade à sua teoria subjacente da causalidade psicológica" (p. 78). Ao contrário de buscar uma relação causal, visa uma atitude compreensiva da consciência e de suas intenções.

Disto resulta que o "ponto de partida" da teoria da emoção deve ser: uma teoria "que afirma o caráter significativo da própria consciência, [pois] é a consciência que se faz consciência por si própria, emocionada por necessidade duma significação interna" (p. 78).

3. A Teoria Sartreana da emoção

Após a crítica das concepções clássicas, Sartre apresenta a sua teoria. Tentaremos analisar os seus

principais aspectos abordando o capítulo segundo do *Esboço* intitulado: *Esboço de uma teoria fenomenológica*.

A consciência que segue o caminho da emoção inventa uma nova forma de relacionar-se com os determinismos do mundo ambiente, deixa de ser adaptada. Recusa-se a seguir a via pragmática dos resultados freqüentemente obtidos para se lançar no mundo *mágico*, mudando a si mesma para negar o determinismo que lhe é característico. Neste sentido, a consciência *se transforma*. A emoção é um ato que confere ao objeto mundano uma qualidade distinta da de seu "uso" cotidiano.

Podemos estabelecer uma analogia entre a *emoção* e a *encenação* porque um aspecto determinante é a sua condição fenomenal. Para Sartre, quando manifestamos certa emoção através de nosso corpo, esta expressão se assemelha a uma representação cênica. Ela é um aparecer para outrem. A diferença fundamental está na *sinceridade* com que esta representação é feita. É possível considerar que a emoção seja uma peça encenada de forma mais *sincera*. Na verdade, "trata-se duma pequena comédia por mim desempenhada que pode servir para substituir a conduta que não pode ser realizada" (p. 88). Em uma vivência em que a superação de determinada dificuldade se mostra impossível, a tensão insuportável que é experimentada converte-se num motivo para apreender-se nesta situação uma qualidade nova, por esta razão, "confiro magicamente [a um determinado objeto] a qualidade que desejo" (p. 88). Este desvio permite "resolver o conflito e suprimir a tensão (p. 88). Esta *encenação*, no entanto, pode ser novamente transformada, pode sofrer uma alteração de sentido. "Se a situação for mais urgente, a conduta de encantamento será desempenhada com maior sinceridade: eis a emoção" (p. 89).

Tomemos o medo como situação. Tanto no seu aspecto ativo quanto *passivo*, ele é uma *conduta de negação*. No comportamento *passivo*, a reação de medo é uma tentativa de negação, de aniquilamento, de irrealização que o ser humano adota

frente a uma situação em que as vias normais e adaptadas se mostram trancadas. Quando avisto um animal feroz adoto uma conduta de evasão. O desmaio, por exemplo, pode ser o meu refúgio; “à falta de poder evitar o perigo pelas vias normais e por encadeamentos deterministas, limitei-me a negá-lo. Quis aniquilá-lo” (p. 89). O desmaio, neste caso, “é uma passagem para uma consciência de sonho, isto é, irrealizante” (p. 89, nota 1). A conduta fisiológica do medo *passivo* não é uma pura desordem, o que ela representa é a “realização brusca das condições corporais que acompanham vulgarmente a passagem do estado de vigília ao sono” (p. 90).

No medo *ativo*, a atitude de fuga, por exemplo, é considerada, sem justificativa, como uma conduta racional. “Não fugimos para nos pormos ao abrigo do perigo: fugimos, sim, à falta de não nos podermos aniquilar por meio do desmaio. A fuga é como que um fingimento do desmaio, uma conduta mágica que consiste em negar o objeto ameaçador com todo o nosso corpo (...) derrubando a estrutura vetorial do espaço em que vivemos e criando bruscamente uma direção potencial, do outro lado, é uma maneira de o esquecer, de o negar” (p. 90). Em suma, nas duas formas de manifestação do medo, adota-se uma conduta que tenta evitar, negar as dificuldades impostas pela situação.

Comentando um caso estudado por Janet, no qual uma jovem entra em conflito com seus familiares e, no auge da contenda, passa a sofrer crises de choro, Sartre identifica nesta atitude “não adaptada” a mesma “estratégia”. A crise emocional, assim como o medo, é uma “consciência que, através duma conduta mágica, visa negar um objeto do mundo exterior, [ou uma determinada situação], uma consciência que irá até ao ponto de se aniquilar a si própria para, desta maneira, aniquilar simultaneamente seu objeto” (p. 90). No caso específico da jovem, “a tristeza tem como objetivo a supressão da obrigação de procurar” (p. 91) outras vias para a superação do

estado de tensão em que ela se encontra. “Trata-se de fazer do mundo uma realidade afetivamente neutra, um sistema em equilíbrio afetivo total, de descarregar os objetos com forte carga afetiva” (pp. 91-92). “À falta de poder e de querer cumprir os atos que projetamos, comportamo-nos de maneira que o universo passe a não exigir mais de nós. Para isto, só podemos atuar em nós próprios” (p. 92). É neste sentido que a *emoção é um ato de negação*. Ela é uma resposta, na verdade, a única resposta possível, que o indivíduo encontra para uma situação em que outras alternativas são dadas como inatingíveis. Se o caminho do enfrentamento dos determinismos se mostra demasiadamente oneroso, negamos esta via abrindo outro, que é alternativo, posto pelo mundo da emoção.

Aos olhos de Sartre, esta conduta de negação, ao mesmo tempo, não deixa de manifestar também uma certa forma de libertação. Uma crise emocional é o abandono da responsabilidade. Diante de um mundo hostil, o homem se liberta das obrigações que o momento exige; liberta-se do determinismo que lhe é típico. É necessário grifar que para cada emoção temos uma conduta específica. Cada vivência emocional entra em contato com um mundo específico. Jeanson fala que cada emoção possui o seu próprio mundo¹².

Nesta *atitude negativa* identificamos a *dimensão funcional da emoção*. Este não é, entretanto, o objetivo último da reflexão sartreana. Amparando esta funcionalidade está o sentido mais profundo, ou seja, o sentido essencial da emoção, que é o foco central do *Esboço*.

Nem todas as condutas são emoções. Nem todas as condutas de negação também o são. O fenômeno emoção está condicionado pela crença, é suportado pela consciência e deve esgotar-se por si. Podemos admitir que a reação fisiológica é o *lado sério* da emoção. Mas este é o *primeiro* aspecto; o

¹² “Il y a un monde correspondant à chaque émotion”, *Le problème moral...*, p. 50.

segundo é que ela é uma *vivência imediata* da consciência. A emoção é, para Sartre, uma *degradação* da consciência, uma forma de adormecimento. O sintoma fisiológico tomado isoladamente é insignificante porque não revela o sentido essencial da emoção. Juntamente com este aspecto, devemos admitir que ela é um ato irrefletido de consciência. É uma forma de a consciência transcender seu ser em direção ao mundo. Nesta transcendência ela se vê aprisionada, “fascinada” pelo objeto do mundo. Para que a consciência possa se livrar desta fascinação ela segue duas vias: uma forma possível é realizar uma *reflexão purificante*, ultrapassando o nível irrefletido; a outra é *libertar-se da situação* que deu origem à vivência. De qualquer forma, a consciência somente deixa de intencionar a emoção quando abandona o mundo mágico. Isto reforça uma das teses defendidas insistentemente por Sartre: a emoção decorre de um objeto que a consciência intenciona, sendo uma qualidade da coisa, do objeto que surgiu diante da consciência. As emoções ocorrem relativamente ao *mundo e não do interior* do homem. Este aspecto mágico da existência não varia de acordo com nossa vontade ou disposição; a categoria mágica é própria do mundo.

Sartre define este mundo mágico a partir da significação que Alain dá ao termo: “o mágico é o espírito que se arrasta por entre as coisas” (p. 107), isto é, “uma síntese irracional de espontaneidade e passividade. É uma atividade inerte, uma consciência tornada passiva” (p. 107). Dada a relação entre a consciência e o mundo, esta “só pode ser objeto transcendente sofrendo a modificação da passividade (...) o sentido dum rosto [por exemplo] é consciência em primeiro lugar – e não sinal desta – mas uma consciência alterada, degradada, que foi precisamente tornada passiva” (p. 107).

Identificado o sentido de degradação da consciência, começamos a entrever a dimensão *essencial da emoção*. A magia primária e sua significação surgem *do mundo e não de nós*. Somos mais passivos do que ativos na vivência da emoção, isto porque as *coisas conservam a marca do psicológico*. Ela é, neste plano, a queda brusca da consciência no mágico, a alteração do mundo dos utensílios.

Esta compreensão que é dada do fenômeno emoção está inserida numa estratégia mais ampla de livrar a filosofia francesa do início do século XX de uma epistemologia que Sartre chama de “espírito-aranha”, e, mais especificamente, de dar um outro fundamento para a Psicologia. Tarefa reafirmada no opúsculo intitulado *Uma idéia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade*. Em tom triunfante, Sartre anuncia: “As coisas é que se revelam a nós imediatamente como odientas, simpáticas, horríveis ou amáveis”¹³. “Eis-nos libertos de Proust! Libertos ao mesmo tempo da <<vida interior>> : (...) porque, no fim de contas, tudo está fora, tudo, até nós próprios: fora, no mundo, entre os outros. Não é em nenhum refúgio que nos descobriremos: é na rua, na cidade, no meio da multidão, coisa entre coisas, homem entre homens”¹⁴. Para Sartre, “Husserl reinstalou o horror e o encanto nas coisas. Restitui-nos o mundo dos artistas e dos profetas: espantoso, hostil, perigoso, com ancoradouros de amor e de graça. Preparou o terreno para um novo tratado das paixões que se inspiraria nessa verdade tão simples e tão profundamente desconhecida pelos nossos requintados: se amamos uma mulher, é porque ela é amável”¹⁵. Esta filosofia restauraria o “concreto”.

A partir destas considerações, identifica-se o sentido primário que a emoção carrega consigo. Ela não é uma confusão mental, não é pura irracionalidade. Ela é uma das atitudes mais importantes da consciência,

¹³ SARTRE. *Uma idéia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade*, p. 31.

¹⁴ Idem, *ibidem*.

¹⁵ Idem, *ibidem*.

que manifesta, de certa forma, a sua essência quando se faz negação. A emoção é um modo de existir da consciência. Uma das maneiras pelas quais ela *COMPREENDE* (no sentido heideggeriano de *Verstehen*) o seu “*estar-no-mundo*”. Por isso, ela significa alguma coisa, diz algo acerca da vida psíquica. Esta tese é repetida integralmente no “Ensaio de Ontologia fenomenológica” publicado em 1943. Tese que considera que “a emoção não é a apreensão de um objeto emocionante em um mundo inalterado: uma vez que corresponde a uma modificação global da consciência e de suas relações com o mundo, a emoção traduz-se por uma alteração radical do mundo”¹⁶.

Este é um aspecto importante que deve ser ressaltado. Sartre conservou integralmente os resultados obtidos com o estudo acerca das emoções em sua obra fundamental. A manutenção de alguns dos resultados obtidos com o estudo acerca da emoção também pode ser apontada quando identificamos a referência ao conceito de *má-fé*. Ao contrário do que aparenta, este conceito não foi forjado originalmente a partir da *ontologia fenomenológica*. Ele surge da reflexão que Sartre empreendeu no período anterior, no momento em que discutia a possibilidade de uma *psicologia fenomenológica*. E é com este conteúdo psicológico que vemos Sartre afirmar que a *má-fé* surge, no âmbito da análise das intenções de um determinado comportamento humano, como “consciência implícita do nosso verdadeiro desejo” (p. 75). Comportamento que se dá quando “buscamos a realização simbólica dum desejo recalcado pela censura” (p. 75). O aspecto *funcional* da emoção, portanto, é, na sua essência, uma negação, conduta que pode ser a *fuga* e a *má-fé*.

A *negação* e a *significação* constituem, em resumo, as características marcantes da teoria sartreana da emoção.

Esta teoria que tentamos circunscrever em seus traços gerais, serviu, na opinião de Sartre, como

“experiência”. Foi a tentativa de elaboração dos rudimentos de uma psicologia fenomenológica. Tal tentativa, entretanto, encontrou a sua limitação configurada pela investigação da essência da *afetividade*, pois “a teoria psicológica da emoção supõe uma descrição prévia da afetividade, na medida em que esta constitui o ser da Realidade Humana. (...) Nesse caso, em vez de partir de um estudo da emoção ou das inclinações, que indicaria uma realidade humana ainda não elucidada como termo último de toda a investigação, termo este ideal, aliás, e provavelmente fora do alcance de quem começa pela empiria, a descrição do afeto operar-se-ia a partir da Realidade Humana descrita e fixada por uma intuição *a priori*” (p. 116). Em outros termos, a sua teoria revelou a necessidade de um passo atrás, um recuo até o âmbito mais originário da afetividade.

Este limite configura-se também pelo aspecto antagonístico dos procedimentos metodológicos. Antagonismo estabelecido, de um lado, pela *psicologia fenomenológica* e o fato da *contingência*, com o seu caráter *regressivo*, e, de outro, pela determinação da essência, típica da *fenomenologia pura*, de cunho eminentemente *progressivo*. As últimas considerações feitas por Sartre no *Ensaio* apontam para esta questão metodológica. Sendo mais preciso, podemos dizer que é revelada uma incompatibilidade entre os dois tipos de procedimento: o regressivo e o progressivo. Previsão que faz Sartre considerar que os dois métodos são quase incompatíveis. Sabemos que a influência de Husserl e de Heidegger nesta fase é fundamental. E é esta herança que conduz ao impasse metodológico. Uma abordagem eidética da consciência terá de ser combinada com uma reflexão acerca do modo de ser fundamental do homem na sua existência fática. Este impasse suscitou o estabelecimento de problemas que foram posteriormente repostos no plano geral do *Ensaio de Ontologia fenomenológica*, obviamente sob novas bases metodológicas. Somos levados a acreditar que o *Esboço* serviu como primeira tentativa de Sartre de

¹⁶ SARTRE. *O Ser e o nada*, p. 487.

conciliar fenomenologia e ontologia. Esse impasse metodológico o impulsionou para além da investigação fenomenológica. Conduziu-o para a *dialética*. Levou-o a inserir na abordagem referente ao problema da consciência as contradições postas entre o senhor e o escravo. Problemas e soluções que não estão no escopo de nossa exposição. Pelo exposto até agora, acreditamos ter delineado os contornos da teoria sartreana da emoção. Devemos concluir circunscrevendo em uma idéia os resultados obtidos.

Podemos considerar que o intuito fundamental de Sartre, aquilo que o levou a dedicar seus esforços ao escrever o *Esboço*, foi revelar a emoção enquanto fonte de significação, como ato de remissão ao seu significado. O *Esboço* “conseguiu demonstrar que um fato psicológico como a emoção ordinariamente tida como uma perturbação que não obedece a qualquer lei, possui, na verdade, uma significação própria” (p. 116), não podendo ser apreendida sem a compreensão dessa significação. E o seu sentido essencial é único: caracterizar a *transcendência* como modo de ser da consciência, ou seja, a totalidade das reações entre a consciência e o mundo. A emoção é, nesta ótica, uma maneira, dentre outras, de o *homem ser no mundo*, de relacionar-se com este mundo, de entrar em conflito com ele, superando a tensão que esta relação impõe; negando-o, transformando-o, ao mesmo tempo em que transforma a si próprio.

Um leitor atento perguntaria sobre a relação possível entre o tema exposto e a questão da ontologia sartreana. É sabido que a constituição de uma ontologia fenomenológica existencialista era o objetivo central da obra publicada em 1943. É exatamente esta questão que nos interessa. Nossa reflexão permite inferir que *O Ser e o Nada* foi constituído a partir das pesquisas desenvolvidas por Sartre em torno da psicologia fenomenológica, isto é, que a temática ontológica foi posta a partir das questões suscitadas pelo método fenomenológico que poderia inspirar uma psicologia positiva. Sendo mais preciso, o impasse metodológico vivido por Sartre fez com que a ontologia ganhasse um papel central. Fica claro que entre 1939 e 1943 ocorre uma mudança de

paradigma. A fenomenologia husserliana deixa de ser o referencial teórico privilegiado. Sartre abandona a primazia dada a Husserl e passa a combinar diferentes aspectos da questão ontológica. Hegel, Heidegger e Kierkegaard passam para o plano central. Mas isto não significa que Sartre não tenha também a intenção de superá-los ou criticar seus pressupostos. Consideramos que *O Ser e o Nada* é a obra que marca a auto-afirmação do pensamento sartreano precisamente porque dialoga com estes filósofos. Para compreender as razões pelas quais essa nova etapa da produção sartreana ganha vida é preciso considerar os pressupostos teóricos que estão na sua gênese. Para tanto, reler o *Esboço de uma teoria das emoções* é imperativo.

Resumindo, tentamos demonstrar que Sartre é levado a repensar a interrogação estritamente husserliana por causa de sua insuficiência teórica. Uma *ontologia fenomenológica existencial* será convocada para pensar a *psicologia concreta*. A sua tentativa será: combinar psicologia fenomenológica existencial com a interrogação ontológica. Investigar a *consciência irrefletida* enquanto *ser-no-mundo*. A *ontologia* será tomada como fundamento e a *psicanálise existencial* será a aplicação particular desta fundamentação: estas questões estão na origem de *O Ser e o Nada*.

5. Ensaio de contraponto

A análise da estrutura do *Esboço* revelou uma estratégia típica da reflexão sartreana. A fenomenologia é considerada como a referência teórica para a abordagem do tema em questão. Repete-se o procedimento adotado em obras anteriores, como o problema do ego na *Transcendência do ego* e o da imagem em *A Imaginação*. A fenomenologia funciona como paradigma. Mas, outras posições são incorporadas. Em alguns casos, a fenomenologia é combinada com a *Gestalt* ou até com o behaviorismo.

O *Esboço* não só reforça a inspiração *husserliana* da consciência intencional e a

fundamentação *heideggeriana* da existência como *ser-no-mundo*. A *Gestalt* é mencionada em diversas ocasiões. A teoria de *Dembo*, por exemplo, é considerada por Sartre como a única a circunscrever corretamente a questão da emoção. *Janet* é retomado de forma perpendicular através da noção de *fracasso* e de *negação* de uma atitude adaptada. Os exemplos se multiplicam. Que significa isto?

A resposta a esta questão envolve o núcleo de nossa investigação. O *Esboço* revela um procedimento típico. A questão de método surge como um dos focos principais da investigação sartreana. É a *questão do método da psicologia* que aparece juntamente com a procura pelo sentido essencial da emoção. A positividade da psicologia é aventada, a partir do *Esboço*, somente nos moldes de uma construção fenomenológica. Em síntese, Sartre recoloca a questão do método da psicologia, faz um balanço das teorias existentes, escolhe a emoção como “experiência”¹⁷ privilegiada para a abordagem da questão metodológica e conclui que somente a fenomenologia pode dar conta desta dificuldade. A questão, no entanto, não é solucionada porque uma incompatibilidade é detectada. Enquanto a psicologia deve necessariamente partir da experiência e dos fatos particulares, a fenomenologia tem como característica principal a constituição de essências¹⁸. A conclusão do *Esboço* reflete este impasse metodológico. Após defender, durante toda a sua exposição, que a fenomenologia seria a base teórica da psicologia, originando uma psicologia fenomenológica, nas considerações finais aparece novamente a questão relativa ao método. A pergunta que fica sem resposta é: como conciliar uma psicologia fenomenológica com uma ciência *eidética*? Como conciliar metodologias opostas, uma que visa o particular, o fático e outra que busca as essências? A conclusão do *Esboço* afirma

que a *faticidade*¹⁹ faz com que estas duas orientações sejam irreconciliáveis. Este impasse pede outra solução para a questão do método psicológico, para a constituição de uma psicologia positiva. Esta é uma perspectiva da questão que o *Esboço* envolve. A hipótese que levantamos é a de que este impasse serviu como motivador para a elaboração de *O Ser e o Nada*.

A outra perspectiva que surge da análise do *Esboço* é a influência de Georges Politzer no pensamento de Sartre. Tentaremos compor um *contraponto* entre as duas vozes.

O estudo do *Esboço* nos mostrou que a questão da positividade da ciência denominada psicologia não era uma questão menor. Não só em relação ao problema da consciência, mas também em relação ao *discurso literário*. Se Sartre entrou em contato com a obra de Politzer *Critique des Fondements de la psychologie* – é esta a nossa suposição – certamente ele encontrou um campo profícuo para o *contraponto* entre os dois discursos. Uma das teses fundamentais defendidas na obra de Politzer era a de que a literatura fazia o papel de “psicologia concreta” antes de a psicologia ganhar status de ciência autônoma. Politzer dá como exemplo a literatura de Stendhal e de Dostoiévski. Ele afirmava que estes autores abordavam o tema central da vida humana enfocando a sua condição dramática de existência. Em outros termos, a psicologia concreta, segundo Politzer, era aquela que abordava a noção de “*drama*” da existência humana.

A realidade humana é uma das características centrais da literatura sartreana, assim como o foco das especulações de *O Ser e o Nada*. Existência que se dá *no mundo histórico*, com suas escolhas e sua dramaticidade. Consideramos que esta questão permeia o interesse de Sartre pela psicologia,

¹⁷ A *Crítica da Razão Dialética* também usa esta estratégia tomando como objeto a experiência dialética da práxis individual.

¹⁸ Sartre não abandona a tese de que a fenomenologia é uma ciência *eidética*.

¹⁹ Conceito heideggeriano.

especificamente pela questão de sua metodologia. Sabemos que a psicologia concreta era um tema comum na época²⁰.

Também é importante salientar que a primeira forma de psicologia concreta construída após a literatura dramática foi a psicanálise de Freud. A *Critique* dedica grande parte de suas análises ao conceito freudiano de interpretação de sonhos. Considerava que esta abordagem era tipicamente “concreta”. Contudo, a psicanálise sofre uma dura crítica, exatamente num de seus pontos mais sensíveis: o conceito – hipótese para Politzer – de *inconsciente*. Esta crítica, coincidentemente, é um dos pontos de contato com o *Esboço de uma teoria das emoções*. Sartre também critica o aspecto “determinista” que o inconsciente representa para a abordagem psicanalítica. Esta posição é mantida em *O Ser e o Nada*. Tentando sintetizar o argumento, podemos afirmar que a fenomenologia representou para Sartre aquilo que a psicanálise significou para Politzer.

Enfim, estamos convictos de que muitos aspectos da produção sartreana apontam para uma abordagem concreta da psicologia. Não temos condições de apresentar toda a argumentação que consolida esta hipótese, não é esta a nossa intenção neste projeto. Queremos somente enunciar a hipótese de que a *Critique* de Politzer deixou suas marcas na obra sartreana. A *psicanálise existencial* delineada em *O Ser e o Nada* e desenvolvida no estudo sobre G. Flaubert intitulado *O Idiota da família* representou – acreditamos – o esforço de constituição da psicologia concreta.

Pluralismo metodológico e perspectiva concreta da *dramaticidade humana*, estes são dois aspectos que podem ser destacados da análise do *Esboço de uma teoria das emoções*. Consideramos estas questões indispensáveis para a compreensão da obra de Jean-Paul Sartre.

Bibliografia

- BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Tradução de João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BORNHEIM, Gerd A. *Sartre*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.
- HEIDEGGER, Martin. *L'Être et le temps*. Tradução de Rudolf Boehm e Alphonse de Waelhens. Paris: Gallimard, 1964.
- _____. *Que é Metafísica?* Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1969.
- _____. *Lettre sur l'humanisme*. Tradução de Roger Munier. Paris: Aubier, 1983.
- HOWELLS, Christina. *The Cambridge Companion to Sartre*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- HUSSERL, Edmund. *Recherches Logiques*. Traduzido por Hubert Elie, Arion L. Kelkel e René Schérer. Paris: P. U. F., 1961.
- _____. *Idées directrices pour une phénoménologie*. Tradução de Paul Ricoeur. Paris: Gallimard, 1989.
- _____. *Méditations Cartésiennes*. Versão francesa de Gabrielle Peiffer e Emmanuel Levinas. Paris: Vrin, 1966.
- JEANSON, Francis. *Le Problème moral et la pensée de Sartre*. Paris: Éditions du Seuil, 1965.
- MÜLLER, Marcos L. A má-fé e a teoria de negação em Sartre. *Manuscrito*, vol. V, nº 2, Campinas, abril/1982.
- NATANSON, Maurice. *A Critique of Jean-Paul Sartre's Ontology*. Nebraska: University of Nebraska, 1951.
- PHILONENKO, Alexis. Liberté et mauvaise foi chez Sartre. *Revue de Métaphysique et de Morale*, nº 2, 1981.
- POLITZER, Georges. *Critique des Fondements de la psychologie*. Paris: P.U.F., 1994.
- PRADO Jr., Bento. *Presença e Campo transcendental. Consciência e negatividade na filosofia de Bergson*. São Paulo: Edusp, 1988.

²⁰ Cf. Albert SPAIER, *La Pensée concrète. Essai sur le symbolisme intellectuel*

- SARTRE, Jean-Paul. *Critique de la raison dialectique*. Paris: Gallimard, 1960.
- _____. *Esboço de uma teoria das emoções*. Tradução de A. Pastor. Fernandes. Lisboa: Editorial Presença, 1972.
- _____. *Esquisse d'une théorie des émotions*. Paris: Hermann, 1965.
- _____. *L'Être et le Néant*. Paris: Gallimard, 1943.
- _____. *L'Existentialisme est un humanisme*. Paris: Nagel, 1946.
- _____. *L'Imagination*. Paris: Presses Universitaires, 1936.
- _____. *Oeuvres romanesques*. Paris: Gallimard, 1981.
- _____. *As Palavras*. Tradução de J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. Uma idéia fundamental da fenomenologia de Husserl: a Intencionalidade. In *Situações*. Tradução de Rui Mário Gonçalves. Lisboa: Publicações Europa-América, 1968.
- _____. *La Transcendance de l'ego*. Paris: Vrin, 1978.
- SEEL, Gerhard. *La dialectique de Sartre*. Tradução de E. Müller, Ph. Muller e M. Reinhart. Lausanne: Ed. L'Age d'Homme, 1995.
- SILVA, Franklin Leopoldo e. *Ética e Literatura em Sartre : ensaios introdutórios*. São Paulo: Editira Unesp, 2004.
- _____. A Transcendência do ego. Subjetividade e narrabilidade em Sartre. *Síntese. Revista de filosofia*, v. 27, n. 88, 2000.
- SPAIER, Albert. *La Pensée concrète. Essai sur le symbolisme intellectuel*. Paris: Félic Alcan, 1927.
- WAHL, Jean. *Études kierkegaardienes*. Paris: Vrin, 1949.
- _____. *Le malheur de la conscience dans la philosophie de Hegel*. Paris: Presses Universitaires de France, 1951.
- _____. *Vers le concret*. Paris: Vrin, 2004.

Documentário

Sartre. Um film réalisé par Alexandre Astruc e Michel Contat. Paris: Gallimard, 1977.

